

Socialização antecipatória e motivação na escolha do curso de licenciatura em Educação Física

Anticipatory socialisation and motivation in choosing a degree in Physical Education

Aldair José de Oliveira^{1*} , Amaury Nogueira Sobrinho¹ , Joanna Las Casas^{1,2}

¹ Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Instituto de Educação, Departamento de Educação Física e Desportos, Laboratório de Dimensões Sociais Aplicadas a Atividade Física e ao Esporte (LABSAFE), Seropédica, RJ, Brasil

² Prefeitura Municipal de São Gonçalo, Secretaria Municipal de Educação (SEMED/PMSG), São Gonçalo, RJ, Brasil

COMO CITAR: OLIVEIRA, A.J.; NOGUEIRA SOBRINHO, A.; LAS CASAS, J. Socialização antecipatória e motivação na escolha do curso de licenciatura em Educação Física. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 21, e20507, 2026. e-ISSN: 1982-5587. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v21i00.2050701>

Resumo

A socialização antecipatória, é uma vertente abordada na sociologia que demonstra que os indivíduos que buscam ingressar a um determinado grupo social, interiorizaram previamente valores em comum a outros indivíduos destes grupos. O objetivo do presente trabalho foi investigar a socialização antecipatória desportiva entre os alunos do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. O estudo foi conduzido por uma entrevista semiestruturada, delineando estudo qualitativo, aplicado a nove estudantes de Educação Física regularmente matriculados no 1º, 4º ou 8º período. 77,8% dos entrevistados acreditam ter sido influenciados pela escolha do curso por já terem vivenciado algum contato ou experiência com algum desporto anteriormente seja na escola ou fora dela. 22,2% citam que a principal influência para a escolha do curso foi a atuação de familiares ou conhecidos profissionais da área. Concluímos que a socialização antecipatória está presente na vida dos alunos participantes de acordo com suas declarações, apresentando ao menos um fator motivacional para sua escolha.

Palavras-chave: escolha profissional; desporto; socialização antecipatória; motivação.

Abstract

Anticipatory socialisation, the object of this study, is a process addressed in Sociology demonstrating that individuals who seek to join a certain social group have previously internalised values in common with other individuals in that group. This qualitative study investigated anticipatory sports socialisation among students of the degree course in Physical Education at Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro by means of semi-structured interviews of nine students regularly enrolled in the 1st, 4th and 8th terms of the Physical Education Teaching Certificate course. Of these, 77.8% believed they had been influenced in their choice of course by prior contact or experience with a sport, whether at school or elsewhere, while 22.2% cited family members or acquaintances working in the field as their main influence in choosing the course. It was concluded that anticipatory socialisation in the lives of participating students, as self-reported, was at least one motivating factor in their choice.

Keywords: choice of profession; sports; anticipatory socialisation; motivation.

INTRODUÇÃO

A escolha da profissão é um processo complexo que envolve diferentes fatores, sejam eles de ordem financeira, psicossocial e comportamental. De fato, a literatura apresenta múltiplos fatores motivacionais para essa escolha, os quais podem ser de caráter intrínseco ou extrínseco (Cancian et al., 2023). Os intrínsecos estão relacionados aos interesses pessoais, seus valores e aptidões, como a vocação, além da satisfação de trabalhar. Já os extrínsecos são caracterizados pela influência familiar, oportunidades de mercado, aspirações financeiras e ambiente social (Silva et al., 2017). Compreender esses fatores pode auxiliar indivíduos em

***Autor correspondente:** oliveira_alldair@ufrrj.br

Submetido: Agosto 12, 2025

Revisado: Fevereiro 05, 2026

Aprovado: Fevereiro 05, 2026

Fonte de financiamento: FAPERJ (E-26/201.730/2023).

Conflitos de interesse: nada a declarar.

Aprovação do comitê de ética:

Aprovado pelo do Comitê de Ética da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro sob o número 79776724.2.0000.0311.

Disponibilidade de dados: Os dados da pesquisa estão disponíveis somente mediante solicitação.

Trabalho realizado na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Seropédica, RJ, Brasil.



Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

suas escolhas profissionais com ferramentas de autoavaliação e orientação para explorar suas opções de carreira, de maneira eficaz na tomada de decisões.

Dentre os fatores a serem considerados, a socialização antecipatória, que pode ser definida como uma exposição antecipada (antes de uma formação) de elementos pertencentes a uma determinada atividade profissional, costuma ser um aspecto relevante na escolha de profissões. Em outros termos, a socialização antecipatória é o processo pelo qual o indivíduo aprende a interiorizar saberes, ao longo das suas vivências, influenciando suas escolhas no campo profissional (Gomes; Queirós; Batista, 2014). Diferentemente de profissões que se costuma saber da existência próximo a fase adulta, a docência oportuniza que este processo ocorra desde a infância. No caso específico da Educação Física Escolar (EFE), alguns estudos demonstraram a relevância de experiências anteriores a formação no interesse e escolha pela profissão docente (Santos; Bracht; Almeida, 2009; Oliveira et al., 2016; Cardoso; Batista; Graça, 2016; Tenório, 2019; Ávila et al., 2023). Nesse contexto, alguns desses achados sugerem que essa influência ocorre independentemente de ser considerada positiva ou negativa (Cardoso; Batista; Graça, 2016). Caso seja positiva, pode inspirar este futuro professor e se for negativa, pode gerar o desejo de realizar uma prática diferente e inovadora nas aulas de Educação Física (EF).

A socialização antecipatória, somada às vivências corporais no período de formação, contribui significativamente para moldar um profissional com características e trajetórias singulares. No caso específico da EF, a vivência de diferentes práticas corporais, esportivas ou não, formais ou informais, escolares ou extraescolares, figura como um fator determinante para a escolha do curso (Tenório, 2019). Tais vivências, mais do que práticas isoladas, constituem aquilo que Figueiredo (2008) e Gariglio (2011) denominam experiências sociocorporais. Elas são construções subjetivas e sociais que emergem nas relações dos sujeitos com o corpo, com os saberes e com os espaços de atuação. São experiências que envolvem sentidos, valores, afetos e exclusões, sendo carregadas de marcas sociais que interagem com o processo de formação. Por isso, não são apenas experiências corporais, mas experiências vividas e mediadas socialmente, que passam a funcionar como filtros e referências durante a formação e atuação profissional.

Dentre as diversas práticas que compõem essas experiências sociocorporais, o esporte ocupa lugar de destaque. É inegável que, tradicionalmente, os esportes têm assumido posição central entre os conteúdos ofertados nas aulas de EFE, moldando o imaginário sobre o que é, afinal, a própria área. Neste sentido, é razoável considerar que muitos estudantes que ingressam em cursos de Licenciatura em EF tenham sido influenciados por essa exposição na escolarização básica. Para mais, a prática esportiva em geral costuma estar associada a discursos sobre qualidade de vida, promoção da saúde e integração biopsicossocial. Esses significados contribuem para a sua valorização social e para que seja compreendida como uma prática de caráter permanente. Consequentemente, tais experiências tendem a gerar sentidos positivos em torno da docência em EF, funcionando como um importante fator motivador na escolha profissional (Lima, 2015). Como aponta Tardif (2014), as motivações que levam à escolha do magistério se relacionam diretamente com a história de vida dos sujeitos e com os significados que atribuem a essas experiências prévias, os quais tendem a persistir ao longo da carreira profissional.

Além das experiências esportivas, práticas corporais não esportivas vivenciadas ao longo da Educação Básica, como danças, brincadeiras, jogos, lutas e ginásticas, também podem influenciar a escolha pelo curso de Licenciatura em EF. Essas vivências possibilitam experiências sociais, estéticas, emotivas e lúdicas, que ampliam a compreensão do corpo e de sua expressividade, estimulando os estudantes a atribuírem sentidos positivos à área em suas vidas. Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2017), essas práticas são essenciais para a formação integral dos sujeitos, por mobilizarem diferentes dimensões do conhecimento e promoverem experiências significativas com a cultura corporal.

As experiências anteriores dos estudantes com as práticas corporais, especialmente com o esporte, não ocorrem de forma descolada da trajetória histórica da EFE. Ao longo do tempo, a área passou por diferentes modelos de ensino que privilegiaram determinados conteúdos em detrimento de outros (Ghiraldelli Junior, 1998; Bracht; González, 2005; Soares, 2012; Milagres; Silva; Kowalski, 2018; Menech; Cardoso, 2021; Nunes; Lima, 2023; Pereira; Leitzke; Ilha, 2023; Leal et al., 2024). Um dos mais hegemônicos foi o modelo esportivista,

responsável por consolidar o esporte como principal referência nas aulas. Esse predomínio gerou críticas e tensionamentos por parte de pesquisadores e profissionais comprometidos com uma abordagem mais crítica e plural, o que contribuiu para o surgimento de propostas alternativas que se contrapunham ao *status quo*. Entretanto, as mudanças no chão da escola não ocorrem de forma imediata tampouco linear, pois envolvem múltiplos fatores, entre eles, as concepções, trajetórias e ações dos próprios professores. Assim, compreender como se constitui a socialização antecipatória dos licenciandos em EF, e qual o papel do esporte nesse processo, torna-se fundamental. É nesse contexto que se insere o presente estudo, cujo objetivo foi investigar a socialização antecipatória e a motivação entre os estudantes do Curso de Licenciatura em EF da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

MÉTODOS

Modelo de pesquisa

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e descritivo (Creswell, 2010), desenvolvido através de um roteiro de entrevista semiestruturada caracterizada por questões abertas, contendo dados subjetivos a serem relatados pelos entrevistados. A coleta de dados do estudo foi realizada entre 1º de maio e 30 de junho de 2024. A presente pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro sob o número de protocolo CAAE 81309623.3.0000.0311. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Amostra

A amostra do estudo foi de conveniência, composta por 9 estudantes de ambos os sexos, com matrícula regular no Curso de Licenciatura em EF da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, maiores de 18 anos de idade. Os estudantes que participaram da pesquisa têm idades entre 20 e 25 anos, com média de 22,3 anos. 3 (33,3%) eram do sexo feminino e 6 (66,7%) do masculino (*Vide* Tabela 1). Foram considerados aptos a participar do estudo alunos com matrícula ativa no curso de Licenciatura em EF da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro no ano de 2024 que estivessem no 1º, 4º ou 8º período. A fim de obter uma amostra equilibrada no que concerne o tempo de formação, foram selecionados 3 alunos de cada período.

Tabela 1. Descrição sociodemográfica dos participantes do estudo.

Aluno (a)	Idade (anos) / Sexo	Ano de ingresso/ Período
Aline	21 / Feminino	2024 / 1º
Vitor	20 / Masculino	2024 / 1º
André	24 / Masculino	2024 / 1º
Pedro	21 / Masculino	2022 / 4º
Teresa	20 / Feminino	2022 / 4º
Clarisse	23 / Feminino	2022 / 4º
Tiago	24 / Masculino	2020 / 8º
Matheus	23 / Masculino	2020 / 8º
Henrique	25 / Masculino	2020 / 8º

Nota: Os nomes utilizados são fictícios.

Fonte: O autor.

Instrumento de coleta de dados

Foi elaborado especialmente para este estudo, um Roteiro de Entrevista (*Vide* Quadro 1), composto de nove questões, permitindo aos participantes a livre dissertação de suas vivências pregressas envolvendo os esportes em geral nas etapas do Ensino Fundamental

e Médio ou extraescolares e suas respectivas motivações. A entrevista foi realizada em uma sala do Departamento de Educação Física e Desportos, onde os dados foram coletados individualmente com cada estudante. As entrevistas foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas. Cabe ressaltar que todos os dados referentes a identificação dos participantes possuem caráter sigiloso. Por isso, os nomes utilizados ao longo do estudo são fictícios.

Quadro 1. Roteiro da entrevista aplicada aos alunos.

Questionamentos / Perguntas
Discorra sobre qual ou quais os maiores motivos para a escolha do curso na carreira profissional.
Realiza alguma atividade física ou esporte fora do tempo de aula na universidade? Caso positivo, há quanto tempo pratica? Quanto tempo destina para a/s atividades semanalmente?
Participava efetivamente das aulas de educação física no ensino fundamental e médio? Relate os motivos para a prática efetiva nas aulas ou não.
Você acredita ter sido influenciado (a) a escolher o Curso de Educação Física pela prática de algum desporto em outras etapas do Ensino? (Fundamental e/ou Médio). Caso positivo, qual/quais desporto (s) eram praticados?
Qual acredita ser o grau de influência que o desporto citado acima tenha sobre a sua escolha pelo Curso de Educação Física? (Caso a resposta anterior seja positiva). Caso negativo, relate os motivos que o influenciaram a tal escolha.
Em qual disciplina prática obrigatória do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro você mais se sente motivado a desempenhar? Por quê?
Em qual disciplina prática obrigatória do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro você menos se sente motivado a desempenhar? Por quê?
Dos esportes não abordados na grade curricular obrigatória do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, qual na sua opinião, deveria ser incluído?
Há algo mais que gostaria de acrescentar que não lhe tenha sido perguntado ou que venha a complementar a presente pesquisa?

Nota: Os questionamentos/perguntas foram feitos na ordem apresentada no Quadro 1.

Fonte: O autor.

Análise de dados

Para a análise dos dados coletados, utilizou-se a metodologia de análise de conteúdo proposta por Bardin (2011). Esta é uma técnica que permite a análise sistemática e objetiva das mensagens permitindo a categorização dos dados em temas principais facilitando a interpretação dos resultados e dos objetivos da pesquisa e no referencial teórico adotado. Os dados coletados através das entrevistas foram estruturados e extraídos os trechos das respostas em que a socialização antecipatória surgiu culminando em resultados de ordem qualitativa, sendo posteriormente sintetizados e apresentados de forma descritiva.

Resultados e discussão

A primeira pergunta da entrevista abordou os motivos que levaram os participantes à escolha pelo curso de Licenciatura em EF. Quatro dos nove entrevistados (44,4%) mencionaram a prática de algum esporte como fator principal de motivação. Os demais relataram influências diversas, como a atuação de professores de EF, vínculos familiares com a área ou experiências com práticas corporais não esportivas, como dança e musculação.

Eu praticava handebol e vôlei por um projeto da Prefeitura Municipal de Paracambi e estas atividades, me estimularam e fizeram ter certeza de esta seria um dia a minha profissão [...] (Pedro).

[...] sempre pratiquei atividades físicas e fiz dança, ginástica e natação, então, é uma área que esteve sempre presente na minha vida [...] (Teresa).

Na verdade, eu já saí da escola e comecei a trabalhar com o basquete numa escolinha dando aula lá até o ano de 2020, quando me foi exigido o curso superior em Educação Física e este foi um incentivo (Tiago).

Esses dados iniciais corroboram os achados de Tenório (2019), ao indicarem que a vivência esportiva anterior funciona marcadamente como elemento mobilizador da escolha profissional na área. Tal ocorrência não se dá por acaso: ela reflete a posição que o esporte ocupa historicamente. Embora o discurso oficial da EF tenha avançado no sentido da valorização de uma diversidade de práticas corporais, ele ainda é percebido como referência predominante no imaginário de boa parte dos estudantes, o que revela a persistência de um currículo prático tradicional na cultura escolar. Cabe destacar que a pergunta permitia respostas abertas, o que possibilitou a livre reconstrução de sentidos atribuídos às experiências pregressas, sem vincular tal fato a uma etapa específica da escolarização, o que foi feito posteriormente.

Além do esporte, dois entrevistados (22,2%) citam que a principal influência para a escolha do curso foi a atuação de familiares ou conhecidos profissionais da área, dados estes que encontram forte eco na literatura. Esse tipo de influência relacional reforça a noção de socialização antecipatória como um processo que se dá em múltiplas esferas da vida social e não apenas no contexto escolar. Os textos, de uma maneira sutil, mas importante, demonstram que, às vezes, a influência não vem de um familiar que é da área de EF, mas de um familiar que é professor em qualquer área (Back et al., 2019; Ávila et al., 2023). Isso sugere a transmissão de uma “cultura da docência” mais ampla, na qual a profissão de professor já é parte do cotidiano e do imaginário do indivíduo.

No entanto, essas influências não estão isentas de tensões. Enquanto nossos dados apontam a família e conhecidos como uma influência positiva, várias pesquisas apontam o exato oposto: em muitos casos, a família atua como uma força de resistência à escolha pela EF, pressionando os jovens a optarem por carreiras estereotipadas como de maior prestígio social e com maior retorno financeiro. Figueiredo (2008) e Cardoso, Batista e Graça (2016) destacam como uma influência “determinante” e “contraditória” o fato de familiares incentivarem a prática esportiva na infância, mas se colocarem contra e desaconselharem quando o filho opta pelo curso de EF.

Outro achado significativo foi o fato de três participantes indicarem a influência seus respectivos professores de EF na Educação Básica. Eles atribuíram à atuação desses docentes o principal fator que motivou a escolha da licenciatura, afirmando, inclusive, que participavam de forma ativa das aulas. Esse dado dialoga com pesquisas que destacam a potência das experiências escolares nos Ensinos Fundamental e Médio, quando positivas, na constituição do desejo de seguir a carreira docente (Krug; Krug, 2008; Back et al., 2019; Ávila et al., 2023). Pode-se considerar que o indivíduo, durante toda a sua vida escolar, vai interagindo com diversos agentes e apropriando-se de uma série de elementos simbólicos e práticos pertencentes ao universo do magistério, em um processo definido como socialização primária, ou pré-profissional. E, ao ingressar em um programa de formação inicial, passa a vivenciar a socialização secundária, agora formalmente no papel de estudante-professor (Oliveira et al., 2016).

Contudo, essa influência do período escolar precisa ser qualificada. É sabido que ela existe, mas é importante ressaltar que ela não se restringe apenas a modelos positivos a serem seguidos. A literatura demonstra que experiências negativas com professores de EF também podem ser um forte catalisador para a escolha da profissão. Nesses casos, a vivência de aulas desinteressantes, excludentes, sem planejamento, ou com outras problemáticas, desperta no futuro docente o “desejo de promover uma prática transformadora e inovadora” (Santos; Bracht; Almeida, 2009; Cardoso; Batista; Graça, 2016). A decisão pela docência, portanto, pode ser tanto um ato de inspiração, originado em boas memórias, quanto um ato de resistência, motivado pela vontade de oferecer aos futuros alunos uma experiência diferente e mais significativa daquela que tiveram.

Isso é constatado com as respostas dos entrevistados deste estudo. Em relação a participação dos alunos nas aulas de EF e os fatores que motivaram, ou não, tais participações (pergunta 3 do roteiro de entrevistas), sete alunos (77,8%) declaram ter participado efetivamente e dois (22,2%), declaram não ter realizado as aulas com afinco. Um fato interessante nas respostas obtidas é que, estes últimos, se desmotivaram com conduta pedagógica de seus professores, conforme trechos das entrevistas abaixo:

[...] nunca fui de participar e inclusive cheguei a reprovar educação física no ensino médio. Porém, quando entrei na academia eu mudei totalmente a minha visão sobre a carreira. A maneira que era ofertada a disciplina e os esportes no ensino médio, não me despertava muito interesse ou animação. A professora era muito rígida e os esportes cheios de regras para a nossa idade. Não via necessidade naquilo [...] (Aline).

[...] não eram dadas muitas opções de prática esportiva. Geralmente tínhamos o futebol e a queimada, o que me desmotivava bastante. O professor não tinha boa abordagem [...] (Clarisse).

O trecho do relato de Clarisse está em consonância com o que afirma Tenório (2019), no que diz respeito às aulas de EF em algumas escolas que voltam sua formação para capacitar alunos a serem verdadeiros “técnicos esportivos”, focando nas regras e perfeição de movimentos e não no ato de praticá-lo, o famoso esporte na escola e não o esporte da escola. Seguindo o relato da aluna Clarisse, sobre não serem ofertadas manifestações corporais mais diversas nas aulas de EF, a percepção de que a variabilidade de conteúdos nas aulas pode ser um fator motivacional é confirmada por outros quatro participantes (44,4%) deste estudo.

[...] na minha escola que tinha um foco muito grande voltado para a área da Educação Física, eu praticava Futebol, basquete e judô. E acredito ter sido muito influenciado pela base que tive na escola (Vitor).

[...] durante o meu ensino médio as minhas aulas eram voltadas apenas para duas coisas, queimado e futsal, o que desestimulava bastante. Quem não sabia jogar, ficava no banco, mas no meu ensino fundamental, era diversificado e não repetitivo. O professor variava bem as atividades e esportes, e havia a oportunidade de todos praticarem alguma coisa que lhe atraía a atenção” (Pedro).

Ao analisar a fala do aluno Pedro, é perceptível que ele conseguiu identificar duas formas distintas de atuação profissional: uma mais tradicional, voltada para a especialização e, por conseguinte, excludente; e outra mais diversificada e inclusiva. Neste sentido, a percepção sobre suas experiências, sendo elas negativas ou positivas, pode ter um impacto construtivo em sua formação. É possível compreender que sua fala denota insatisfação com a abordagem tradicional e, ao contrário, satisfação com a abordagem mais atual. Tal vivência pode reforçar seu perfil profissional, direcionando-o para uma prática mais inclusiva, algo que não seria tão evidente sem a oportunidade de contrastar essas diferentes experiências nas aulas de EFE. Com base em Ávila et al. (2023) essa transformação de uma vivência negativa em um projeto de docência renovado é um fenômeno bastante frequente.

Após caracterizar como os participantes se relacionavam com as aulas de EF na Educação Básica, o foco da análise se volta agora à prática esportiva em si e sua capacidade de influenciar a escolha profissional. Analisando a pergunta sobre a possível influência que alguma prática desportiva no ambiente escolar possa ter para a escolha da profissão, quatro dos nove alunos não se sentem influenciados (44,4%) e outros cinco alunos dizem que sim (55,6%). Contudo, os relatos indicam que a influência do esporte se torna ainda mais evidente ao se considerar as práticas realizadas em outros espaços:

[...] eu comecei a prática de esporte em 2018 com o handebol e eu estava no início do meu ensino médio, mas fora do ambiente escolar. Esse esporte me influenciou, mas não foi dentro da escola (Pedro).

Eu pratico o jiu-jitsu. Sou faixa branca terceiro grau e treino há mais ou menos um ano e meio duas a três vezes na semana [...] havia começado no Jiu Jitsu e pretendo seguir na minha vida inclusive fora da universidade (Teresa).

Essas vivências, ocorridas em projetos sociais, academias ou clubes, são elementos centrais da socialização antecipatória, que molda a identidade profissional antes mesmo do ingresso no Ensino Superior. A força dessa influência externa é refletida no grau de importância que os alunos dão a ela. Para tanto, foi solicitado que os participantes atribuíssem uma nota de 0 (zero) a 10 (dez), onde

O caracteriza nenhuma influência e 10 total influência. Quatro participantes não se consideraram influenciados, sendo atribuído automaticamente nota 0. Os outros cinco participantes declararam se sentirem influenciados pelo esporte, indicando que essas vivências foram centrais em suas trajetórias, resultando nos seguintes dados: 2 entrevistados declararam-se totalmente influenciados, atribuindo a nota 10; 2 entrevistados atribuíram a nota 9; e, 1 entrevistado atribuiu a nota 6, pois considera também grande influência familiar para a sua escolha.

Quando em sua resposta, o entrevistado afirma não ter influência da EFE, surge outro fator, que seria uma motivação posterior, conforme citado pelos alunos Aline e Pedro. Aline alega ter sido influenciada pela prática da musculação e o Pedro pelo Handebol praticado em um projeto social da Prefeitura Municipal de Paracambi, trazendo à tona como as experiências sociocorporais construídas fora do ambiente escolar podem ser determinantes. De acordo com Figueiredo (2008) e Gomes, Queirós e Batista (2014) essa vivência em academias, clubes ou projetos tornam-se, assim, um poderoso mecanismo de socialização antecipatória, processo pelo qual o indivíduo constrói uma imagem e nutre expectativas sobre a futura profissão, podendo moldar sua decisão de forma tão ou mais intensa que a própria escola.

Por outro lado, a trajetória esportiva não é o único caminho para a docência. O relato de Clarisse, que alega não ter sido influenciada por nenhum esporte, mas por “afinidade à área do conhecimento” contemplada na EF, demonstra a existência de motivações de caráter intrínseco e altruísta (Folle; Nascimento, 2008). Essa escolha, de acordo com Back et al. (2019) e Ávila et al. (2023), baseada no gosto pela profissão e no desejo genuíno de ensinar, representa uma via de acesso à carreira que se distancia da identidade puramente esportiva.

Essas análises anteriores nos conduzem a uma nova dimensão da discussão: o modo como os estudantes se relacionam com as práticas corporais durante a formação inicial. Ao serem questionados sobre a prática de atividades físicas fora do horário dedicado às disciplinas do curso, a maioria dos alunos indicou realizar alguma atividade física, como pode ser observado nos trechos abaixo:

Esporadicamente jogo futebol fora da Universidade. Não há uma rotina (Vitor).

Eu pratico o jiu-jitsu. Sou faixa branca terceiro grau e treino a mais ou menos um ano e meio duas a três vezes na semana (Teresa).

[...] pratico basquete desde criança. Três vezes por semana, quatro horas por dia” (Tiago).

Esses trechos evidenciam a permanência e a relevância da prática esportiva no cotidiano dos graduandos. Entretanto, é possível inferir acerca de potenciais distinções entre os participantes. Por exemplo, Teresa afirma que iniciou a prática do Jiu-jitsu há aproximadamente um ano e meio, o que indica que essa experiência foi incorporada já durante sua formação inicial. Em contraste, Tiago reportou praticar Basquetebol desde a infância, e que continuou performando três vezes por semana. Essas diferenças permitem inferir que a socialização antecipatória ocorreu de maneira distinta ao considerar esses dois atores. Teresa ao relatar suas experiências nas atividades físicas e nas aulas de EF, referiu-se a diferentes atividades físicas, esportivas ou não, que, segundo a aluna, foram relevantes para a escolha do curso de Licenciatura. Já Tiago, restringiu seus relatos às experiências com o Basquetebol. É fato que o aluno pode ter tido mais experiências, entretanto, tais experiências parecem não o ter impactado suficientemente. Esses relatos também podem representar, ao menos em parte, o que ainda ocorre no chão da escola. Os conteúdos não esportivos costumam ser menos frequentes, ocupando um lugar periférico no currículo real da EFE, caminhando de maneira antagônica aquilo que é preconizado após as mudanças curriculares (Impolcetto; Moreira, 2023).

Do ponto de vista quantitativo, os dados revelam que seis dos nove participantes (66,7%) pratica alguma atividade física fora do ambiente universitário, o que chama a atenção, por se tratar de um curso eminentemente prático e diversificado no que tange à grade esportiva. Três alunos praticam musculação e três se dedicam a modalidades esportivas. Outro dado interessante da pergunta é que 66,7% dos entrevistados que declararam praticar alguma atividade física dedicam 6 (seis) ou mais horas semanais a estas atividades (pergunta 2 do roteiro de entrevistas). Apenas um dos praticantes declarou não manter uma rotina fixa, referindo-se ao Futebol como uma

prática “esporádica”. Em contraste, três alunos afirmaram não realizar nenhum tipo de prática corporal fora da Universidade, o que também merece atenção.

Além das práticas realizadas fora da Universidade, um aspecto que merece atenção diz respeito à relação dos estudantes com as disciplinas práticas da Licenciatura. Afinal, compreender quais conteúdos curriculares despertam maior motivação durante a formação inicial pode lançar luz sobre a permanência de certas influências anteriores no processo formativo. Por isso, também foi investigado quais disciplinas práticas do Curso de Licenciatura em EF da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro mais motivaram os participantes ao longo do curso. Para atender aos objetivos deste estudo, torna-se pertinente correlacionar essas respostas com as experiências corporais anteriores relatadas, especialmente aquelas mencionadas na questão sobre práticas esportivas que influenciaram a escolha profissional, vivenciadas tanto no ambiente escolar quanto em espaços não escolares.

Ao cruzar as informações, observa-se que cinco dos nove entrevistados (55,6%) demonstraram maior motivação por disciplinas cujos conteúdos já haviam experimentado na Educação Básica. Quando se ampliam os dados para considerar também as vivências ocorridas fora da escola, esse número sobe para sete dos nove participantes (77,8%). Isso reforça que a ideia de que as expectativas formadas durante a socialização antecipatória não apenas moldam a escolha da profissão, mas atuam como um filtro para a relação com os saberes e continuam a direcionar os interesses e o engajamento durante a formação acadêmica, conforme discutido por Gomes, Queirós e Batista (2014) e Cardoso, Batista e Graça (2016).

Contudo, a formação inicial não é apenas um reflexo do passado. O estudo também revela que a universidade é um espaço ativo de descoberta. Dois participantes (22,2%) relataram ter encontrado a motivação para certas modalidades, como Tênis e Vôlei, somente após o contato com as disciplinas na própria graduação, indicando que o curso também tem o potencial de criar novos interesses e, possivelmente, desconstruir visões pré-concebidas.

Em contrapartida, a ausência de experiências prévias parece ser um fator determinante para a desmotivação em relação a certas disciplinas. Os dados revelam que os conteúdos que despertaram menor interesse foram a Dança, aparecendo em três ocorrências, seguida por Voleibol (2), Basquetebol (1) e Lutas (1). O ponto de conexão entre esses relatos é que nenhum dos sete participantes que indicaram desmotivação informou ter tido qualquer vivência pregressa com as respectivas práticas. Em tempo, é também importante citar que os dois entrevistados que não citaram disciplinas que não tenham motivação para cursar, são alunos do 1º período do curso e, portanto, somente cursaram Atletismo 1, única disciplina desportiva do período conforme grade curricular disponibilizada no site da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Este achado acentua a tese de que a socialização primária atua como um “filtro” não apenas para a motivação, mas também para o desinteresse e a insegurança. Conteúdos que não fizeram parte da trajetória corporal dos estudantes, como a Dança, prática frequentemente periférica no currículo escolar real, são percebidos como mais distantes ou desafiadores, gerando menor engajamento (Cardoso; Batista; Graça, 2016; Tenório, 2019). É significativo, ainda, que os dois únicos estudantes que não apontaram disciplinas desmotivadoras estivessem no primeiro período do curso, com uma exposição ainda incipiente à diversidade de conteúdos, o que sugere que essa diferenciação de interesses se acentua à medida que o currículo avança.

A análise sobre as disciplinas que despertam maior ou menor motivação revelou o peso das experiências prévias na relação dos estudantes com os componentes curriculares da Licenciatura. Contudo, o olhar sobre o currículo não se limita ao que já está presente: ele também se projeta para o que falta. Por isso, ainda que não tenha sido o foco central da investigação, os entrevistados foram convidados a opinar sobre a possibilidade de inclusão de novas disciplinas na grade curricular.

Quatro entrevistados afirmaram que não, pois a grade é completa em suas opiniões, enquanto todos os outros citaram pelo menos uma disciplina, sendo: Kickboxing, Muay Thai e Boxe, Rugby, Esportes de Aventura, Vela e Futebol americano. Essa exploração buscou verificar se as sugestões poderiam ter alguma relação com uma possível socialização anterior ao ingresso no curso, o que, curiosamente, não se confirmou. É notável que nenhum dos estudantes que fez sugestões relatou ter tido experiência prévia com as modalidades citadas, indicando que seus interesses também são moldados por uma expectativa de que a formação inicial acompanhe as

transformações culturais e sociais em torno das práticas corporais, como aponta Clarisse: “falta estrutura para a prática de mais esportes de aventura, pois estes esportes estão em tudo. Sítios, atividades recreativas e etc., porém sei o quanto é difícil trazer isso para a escola” (Clarisse).

Encerrando a entrevista, os estudantes foram convidados a acrescentar comentários livres sobre o curso ou sobre os temas abordados que não lhes tenha sido perguntado ou que venha a complementar o estudo. Embora essa questão tenha sido pensada como uma possibilidade de aprofundar aspectos ligados à socialização antecipatória ou aos fatores motivacionais já discutidos, os retornos dos participantes seguiram por outro caminho.

Cinco entrevistados decidiram expor uma opinião pessoal, em caráter de desabafo (grifo nosso), sobre a falta de investimento em infraestrutura no Departamento de Educação Física e Desportos. Foram ainda relatadas a preocupação com a valorização profissional da classe, falta de mobilidade da grade curricular do curso e a maneira pouco focada na abordagem do ato de “*como ensinar*” de determinado desporto por alguns professores. Dois desses alunos não tiveram nada a declarar. Nenhum dos entrevistados citou algo referente à prática esportiva, à socialização antecipatória, fatores motivacionais ou algo que complemente o presente estudo.

Apesar da presente abordagem não ter como objetivo investigar as inquietações dos licenciandos no tocante a valorização do docente, é relevante ponderar que grande parte das preocupações mencionadas estão ligadas, mormente, a atuação profissional e que algumas delas podem ter sido identificadas antes do ingresso no curso de formação (socialização antecipatória). Pois é possível que alguns dos licenciandos tenham sido expostos, preliminarmente, a informações negativas acerca da prática docente. Sendo assim, é plausível inferir que licenciandos com esse tipo de informação tenham uma visão, eminentemente crítica e contextualizada com os desafios profissionais atuais. Nesse contexto, problemas nas condições de trabalho e infraestrutura escolar e salário são frequentemente relatados entre os docentes como sendo aspectos desmotivadores da profissão (Bittencourt; Silva, 2024).

Diante do exposto, a trajetória dos futuros professores de EF revela-se um processo complexo e multifacetado, profundamente enraizado na socialização antecipatória. A escolha pela carreira é moldada por uma trama de influências que inclui não apenas a paixão pelo esporte, mas também a inspiração em modelos docentes positivos e, paradoxalmente, a resistência a experiências escolares negativas. Essa bagagem biográfica não se dissipa com o ingresso na universidade; ao contrário, atua como um filtro persistente, direcionando a motivação e o engajamento com o currículo. Por fim, os desabafos sobre as carências do curso e as incertezas da profissão indicam que a jornada formativa não é apenas uma revisão do passado, mas também uma negociação constante com os desafios do presente e as expectativas sobre o futuro da docência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme apresentado nas análises contidas no item anterior deste estudo, verificamos que 1/3 dos entrevistados praticam pelo menos um esporte fora dos horários das aulas, seja de forma recreativa, seja de forma profissional, demonstrando a imersão destes na carreira escolhida. A socialização antecipatória sob a ótica motivacional para o desempenho da carreira fica ainda mais evidente, quando de forma geral. Pouco mais da metade dos alunos entrevistados demonstraram em suas respostas que está a socialização esportiva relacionada ao Ensino Fundamental ou Médio. Foi possível visualizar que a maioria dos alunos declarou ter escolhido a carreira por influência de algum esporte já praticado em suas vidas, bem como aqueles que se sentem motivados para determinada disciplina prática do curso de Licenciatura em EF da Universidade, já tiveram algum contato ou experiência com a mesma anteriormente, seja na escola ou fora dela, demonstrando que a socialização antecipatória esportiva tem relação direta com a motivação em ingressar no curso.

Pode-se concluir então que a socialização antecipatória está presente e é latente na vida dos alunos participantes de acordo com suas declarações, tendo em sua maioria ao menos um fator motivacional às suas escolhas enquanto profissionais de EF. As condições estruturais e materiais da Universidade, bem como a valorização profissional pós formação é evidente nos relatos, tornando-se aparente fator de angústia em alguns casos, bem como a maneira de ensinar e as políticas pedagógicas a serem adotadas futuramente por eles. Nesse sentido,

pensar em um curso de Licenciatura em EF que inspire e mobilize os estudantes exige mais do que ofertar disciplinas: requer uma escuta atenta às suas experiências e demandas, e o compromisso com uma formação crítica e contextualizada.

Os entrevistados apresentaram de maneira livre o que pensam sobre os aspectos motivacionais e suas experiências com os esportes demarcando processos de socialização antecipatória na maioria dos casos. Pode-se afirmar que o fator motivador relatado para a participação efetiva nas aulas, nas etapas anteriores do ensino, está majoritariamente ligado a diversidade de atividades físicas ou esportes, sinalizando a importância do professor variar as aulas para cativar e incentivar a participação da turma estabelecendo um processo de construção coletiva de inovações, tornando a educação possível, independente do meio social em que se estabelece e adaptável às realidades individuais.

Cabe, entretanto, ponderar sobre os limites metodológicos do presente trabalho. A pesquisa valeu-se de uma amostra de conveniência com nove participantes, não sendo possível captar todo rol de experiências pregressas possíveis, que por sua vez, poderiam aumentar o arcabouço analítico do estudo. Além disto, as respostas breves restringiram a profundidade das análises. Sendo assim, é coerente ponderar que a generalização dos achados da presente abordagem é limitada. Portanto, sugere-se, para estudos futuros, o aumento do número de participantes e o uso de grupos focais de modo a permitir um posicionamento mais aprofundado das temáticas, bem como a realização de estudos longitudinais que acompanhem as transformações na percepção dos licenciandos ao longo do curso. Investigar essas inflexões pode lançar luz sobre caminhos possíveis para uma formação mais sensível às heranças da tradição esportivista e mais comprometida com as realidades escolares.

Ainda assim, foi possível perceber que um currículo que valorize a cultura corporal de forma ampla e dialética é capaz de não apenas engajar os alunos, mas também de inspirá-los a seguir na docência com um olhar mais crítico, criativo e sensível às realidades escolares. Sob essa perspectiva, a EFE reassume seu papel formativo fundamental, não apenas no que se refere ao desenvolvimento físico, mas na constituição de sujeitos autônomos, reflexivos e capazes de pensar criticamente sobre o que fazem e por que fazem. É nessa tensão entre experiência e formação, passado e futuro, que a socialização antecipatória adquire relevância, não como determinismo que aprisiona, mas como campo de possibilidades a ser constantemente ampliado e ressignificado ao longo da formação docente.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos os participantes da pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ÁVILA, D. et al. A construção do “ser professor” de Educação Física de docentes em início de carreira da rede municipal de Florianópolis-SC/Brasil. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 104, n. e5508, p. e5508, 2023. <http://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.104.5508>.
- BACK, A. V. et al. Saberes que motivam na formação inicial em educação física. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon, v. 17, n. 1, p. 45-52, 2019. <http://doi.org/10.36453/2318-5104.2019.v17.n1.p45>.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BITTENCOURT, R. L.; SILVA, R. Os ciclos de vida profissional docente: reflexões e desafios na contemporaneidade. **Educação Por Escrito**, Porto Alegre, v. 15, n. 1, p. e44528, 2024. <http://doi.org/10.15448/2179-8435.2024.1.44528>.
- BRACHT, V.; GONZÁLEZ, F. J. Educação Física Escolar. In: GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. (Org.). **Dicionário crítico de Educação Física**. Ijuí: Editora Unijuí, 2005.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.
- CANCIAN, Q. G. et al. Fatores de motivação a prática esportiva do mountain bike. **Boletim de Conjuntura**, Boa Vista, v. 16, n. 46, p. 693-708, 2023. <http://doi.org/10.5281/zenodo.10056342>.
- CARDOSO, I.; BATISTA, P.; GRAÇA, A. A identidade do professor de Educação Física: um processo simultaneamente biográfico e relacional. **Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 523-538, 2016. <http://doi.org/10.22456/1982-8918.54129>.
- CRESWELL, J. W. **Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3. ed. Porto Alegre: The Art of Medication, 2010. 296 p.

- FIGUEIREDO, Z. C. Experiências sociocorporais e formação docente em Educação Física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 85-110, 2008. <http://doi.org/10.22456/1982-8918.2395>.
- FOLLE, A.; NASCIMENTO, J. V. Estudos sobre desenvolvimento profissional: da escolha à ruptura da carreira docente. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 19, n. 4, p. 605-618, 2008. <http://doi.org/10.4025/reveducfis.v19i4.3521>.
- GARIGLIO, J. A. A socialização pré-profissional de um professor de Educação Física: a experiência no universo esportivo em questão. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 14, n. 2, p. 1-10, 2011.
- GHIRALDELLI JUNIOR, P. **Educação Física Progressista**. São Paulo: Edições Loyola, 1998.
- GOMES, P.; QUEIRÓS, P.; BATISTA, P. A socialização antecipatória para a profissão docente: estudo com estudantes de Educação Física. **Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, Porto, v. 28, p. 167-192, 2014.
- IMPOLCETTO, F. M.; MOREIRA, E. C. A educação física escolar na BNCC: avanços e desafios. **Corpoconsciência, Cuiabá**, Cuiabá, v. 27, n. e15228, p. 1-14, 2023. <http://doi.org/10.51283/rc.27.e15228>.
- KRUG, R. D. R.; KRUG, H. N. Os diferentes motivos da escolha da licenciatura em Educação Física pelos acadêmicos do CEFD-UFSM. **Revista Digital Lecturas: Educacion Fisica y Deporte**, Buenos Aires, v. 13, n. 123, p. 1-8, 2008.
- LEAL, O. D. J. G. et al. O conhecimento de professores sobre as abordagens pedagógicas da educação física. **Cuadernos de Educación y Desarrollo**, Portugal, v. 16, n. 5, p. 1-18, 2024. <http://doi.org/10.55905/cuadv16n5-041>.
- LIMA, R. R. História da Educação Física: algumas pontuações. **Revista Eletrônica Pesquiseduca**, Santos, v. 7, n. 13, p. 246-257, 2015.
- MENECH, L.; CARDOSO, A. L. Entre a “não aula” e a aula na educação física: caracterizações necessárias. **Revista Saberes Pedagógicos**, Criciúma, v. 5, n. 2, p. 206-227, 2021. <http://doi.org/10.18616/rsp.v5i2.6817>.
- MILAGRES, P.; SILVA, C. F.; KOWALSKI, M. O higienismo no campo da Educação Física: estudos históricos. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 30, n. 54, p. 160-176, 2018. <http://doi.org/10.5007/2175-8042.2018v30n54p160>.
- NUNES, H. V. A.; LIMA, W. P. A importância da educação física e psicologia na construção de um novo Brasil: ênfase às décadas iniciais do século XX. **Revista Brasileira Militar de Ciências**, Goiânia, v. 9, n. 23, p. 161-176, 2023. <http://doi.org/10.36414/rbmc.v9i23.162>.
- OLIVEIRA, A. L. et al. Professores de Educação Física e a produção dos saberes: em busca do fio da meada. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 19, n. 2, p. 362-371, 2016. <http://doi.org/10.5216/rpp.v19i2.38076>.
- PEREIRA, J. U.; LEITZKE, A. T. S.; ILHA, F. R. S. Perspectivas pós-críticas na Educação Física: articulações possíveis às metodologias ativas de ensino. **Dialogia**, São Paulo, n. 43, p. e22777, 2023. <http://doi.org/10.5585/43.2023.22777>.
- SANTOS, N. Z.; BRACHT, V.; ALMEIDA, F. Q. Vida de professores de Educação Física: o pessoal e o profissional no exercício da docência. **Movimento**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 141-165, 2009. <http://doi.org/10.22456/1982-8918.3067>.
- SILVA, M. N. et al. O perfil socioeconômico e o motivo dos alunos ingressantes pela escolha do curso de Ciências Contábeis nas Universidades da Cidade de São Paulo. **Revista Eletrônica do Departamento de Ciências Contábeis & Departamento de Atuária e Métodos Quantitativos**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 1-18, 2017.
- SOARES, C. L. **Educação Física: raízes europeias e Brasil**. 5. ed. São Paulo: Autores Associados, 2012.
- TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- TENÓRIO, J. G. Eu era atleta...Virei professor de educação física escolar. **Revista Salusvita**, Bauru, v. 38, n. 1, p. 7-26, 2019.

Contribuições dos autores

AJO: análise e interpretação dos dados e redação do texto; ANS: pesquisa de campo, análise e interpretação dos dados e redação do texto; JCL: análise e interpretação dos dados e revisões do texto.

Editor: Prof. Dr. José Luís Bizelli

Editores Adjuntos Executivos: Profa. Dra. Flavia Maria Uehara